



PESQUISA

a NOVA mãe brasileira

Maio 2016



Sem paciência, as mães pedem ajuda em casa

O retrato da nova mãe brasileira está longe da perfeição. Exaustas, as mães gostariam de ter mais paciência para lidar com os filhos, mais dinheiro para suprir suas demandas e mais tempo para si mesmas

Mães lindas, multitarefas, felizes com seus filhos e sua família. A imagem que as redes sociais e a publicidade fazem da mãe brasileira precisa ser retocada. Uma pesquisa inédita, feita pelo **Instituto QualiBest** e pelo site **Mulheres Incríveis** revela que as mulheres com filhos, no Brasil, estão cansadas, se sentem culpadas e distantes do estereótipo da mãe perfeita. É a primeira grande pesquisa sobre a visão que as mães têm sobre a própria maternidade.

Foram entrevistadas mais de 1300 mães de todas as classes sociais, faixas etárias e regiões do país. Por meio de questões de múltiplas escolhas num questionário online, a maior parte delas declarou ter de um a dois filhos (81%). A amostra, que privilegiou mães de 25 a 44 anos (mais de 60% do total de entrevistadas), revelou que elas têm filhos bebês, crianças e adolescentes.

As brasileiras vêm preferindo ter poucos filhos há algum tempo. Numa das maiores revoluções demográficas do planeta, elas protagonizaram uma assombrosa queda da taxa de fecundidade: de 6 filhos, nos anos 60, para menos de 2 filhos nos dias de hoje, média de países de primeiro mundo, como o Canadá e os Estados Unidos. Essa mudança levará o país à estabilização da população já nas próximas décadas.

Mesmo com poucos filhos, as mulheres da pesquisa mostraram que o exercício da maternidade no Brasil é cansativo e cheio de preocupações e insatisfações. Um ponto importante levantado pelo estudo: embora difícil, a mística em torno da maternidade e do papel sagrado de mãe se mantêm. A maioria concorda com a afirmação “o amor dos filhos compensa quase tudo” e diz que “não voltaria atrás se pudesse escolher não ser mães”. Elas consideram mais importante criar vínculo e cumplicidade com seus filhos, por exemplo, do que conquistar seu respeito ou criá-los independentes para o mundo. Isso reflete as relações afetuosas que caracterizam os brasileiros, segundo análise da **QualiBest**.

A valorização da afetividade aparece de forma muito clara na pergunta “O que você acha mais importante no seu papel como mãe?” Em primeiro lugar, as mulheres apontam a frase “criar forte vínculo de afeto com os filhos e ter grande cumplicidade” como a tarefa mais importante das mães. Em segundo, elas elegem “a firmeza nas atitudes para conquistar o respeito dos filho” e em terceiro, “a criação de filhos independentes”.

O debate sobre a mãe imperfeita tem aparecido nas redes sociais. Há um ano, a foto de uma mãe, americana, amamentando o filho enquanto usava o banheiro dividiu opiniões de forma incendiária. No Brasil, e não só nos Estados Unidos, um grupo apoiou a honestidade da foto, que exibia uma cena cotidiana pouco exposta no Facebook. Outro grupo criticou duramente a exibição de tamanha intimidade e “falta de higiene”.

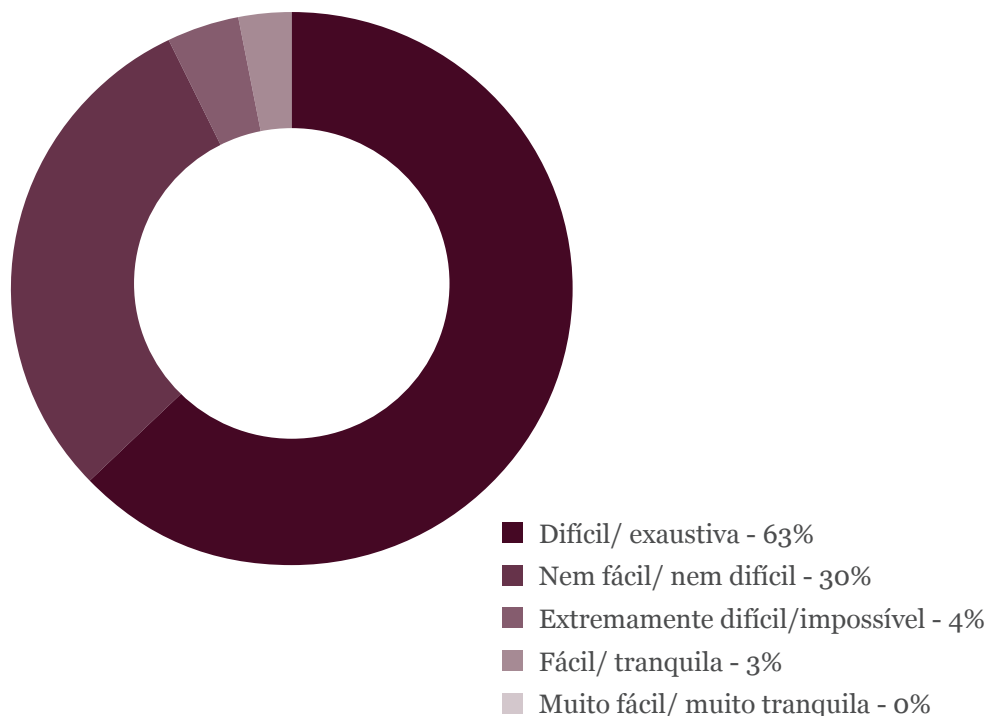
O que a pesquisa da **QualiBest/Mulheres Incríveis** revela é que, apesar da resistência que temos em abandonar a imagem da mãe perfeita, as dificuldades do dia a dia começam a impor uma atualização do papel da mulher com filhos. E, pela primeira vez, suposições sobre as mudanças no modo de encarar e viver a maternidade aparecem agora apoiadas em números que identificam o tamanho das dificuldades.

Elas confessam: a vida da mãe brasileira é mais do que cansativa, é exaustiva.

Quase sete em cada dez entrevistadas respondem que a vida da mãe brasileira é difícil e exaustiva, um reconhecimento claro de que a ideia da mulher multitarefas pode até ser verdadeira mas cobra um preço alto e talvez insustentável: escassez de tempo e energia para brincar e ajudar os filhos, sentimento de culpa ou de frustração. Some-se a isso uma frustração unânime com a insuficiência de recursos financeiros para dar aos filhos o que elas acham que eles merecem ou precisam. O resultado é um pedido claro de ajuda: elas querem parceiros para dividir as tarefas domésticas e mais espaço, no dia, para se dedicar a si mesmas e ao trabalho.

Embora mais da metade das mães entrevistadas tenham entre 25 e 44 anos e filhos pequenos (entre 0 a 13 anos), a dificuldade na maternidade se estende a todas as idades e não revela diferenças entre classes sociais. Curiosidade revelada pelo estudo: apenas 3 em cada 100 entrevistadas acham que a vida de mãe é fácil.

Como você classificaria a vida da mãe brasileira hoje?



As maiores dificuldades das mães.

Para as entrevistadas, a vida fica dura quando elas não conseguem dar o que os filhos merecem, quando falta tempo e equilíbrio na criação.

1. Falta de recursos.

Não ter dinheiro para dar tudo o que os filhos merecem foi uma grande dificuldade apontada por mais de 70 % das mulheres. Entre as mais jovens (18 a 34 anos), o índice chegou a 77%. A variação entre classes sociais foi mínima: 73% das mulheres de classes A e B para 79% da classe C. Mandar o filho estudar no exterior, pagar a escola particular mais cara, dar a ele um celular bacana: pelo jeito, sempre faltará dinheiro para uma mãe dar o que ela considera melhor para o seu filho, independentemente das diferenças de renda entre as mães mais ricas e as mais pobres.

2. Falta de tempo.

A falta de espaço na agenda para cuidar dela mesma ou para se dedicar ao trabalho mobilizou mais da metade das entrevistadas. A sensação de escassez de tempo não é uma questão de gênero apenas. Nesse momento de transição (e choque) do analógico para o digital, homens e mulheres sentem que o tempo é um recurso cada vez mais finito. Se não houvesse sobreposição de tarefas, entre dormir, trabalhar, cuidar dos filhos, alimentar-se e alimentá-los, cuidar da casa, estudar, falar com os amigos, praticar alguma atividade de lazer, deslocar-se na cidade, tomar banho e consumir algum tipo de mídia, nosso dia precisaria ter pelo menos 40 horas. No caso das mulheres, que comprovadamente consomem mais horas em tarefas domésticas (segundo o IBGE, até as meninas trabalham mais do que os meninos nos afazeres da casa, anda hoje), a falta de tempo pode ser mais crítica ainda.

3. Dificuldade de alcançar o equilíbrio entre ser exigente demais e permissiva demais.

Conseguir alcançar o equilíbrio, o santo graal dos tempos modernos, é uma questão importante para as mães e aparece em muitos pontos da pesquisa. Quando elas reclamam da falta de paciência e de energia, quando elas confessam ter dificuldade para colocar limites e especialmente quando elas buscam encontrar o tom certo na criação dos seus filhos. Na dança dos extremos (ser rigorosa demais ou não impor limites), as mulheres parecem estar vivendo uma crise de modelo educacional.

Pensando na criação dos filhos, qual seu grau de dificuldade em cada um desses desafios?

Ter condições financeiras para dar o que eles merecem	75%
Ter tempo para minha vida pessoal	60%
Alcançar o equilíbrio entre ser muito rigorosa e não impor limites	52%
Ter tempo para me dedica mais ao trabalho	51%
Ter paciência na hora de repreender/corriger	50%
Ter paciência e energia para brincar e fazer atividades juntos	41%

O tamanho da culpa

A história de que a culpa nasce com a mãe continua verdadeira? A pesquisa tentou mapear o sentimento de culpa das entrevistadas com um cruzamento de perguntas. Primeiro, pediu-se que elas escolhessem os motivos de culpa com os quais mais se identificavam. Apenas 8% das entrevistadas não escolherem nenhum dos motivos listados. E, ao cruzar a lista de dificuldades que elas enfrentam na criação dos filhos e a fonte do sentimento de culpa, obtém-se praticamente o mesmo quadro.

Não ter condições financeiras para oferecer o que acredito que merecem (ex: melhor escola, roupas novas, itens eletrônicos, viagens etc)	55%
Perder a paciência com frequência	36%
Não ter paciência ou energia para brincar, ajudá-lo(s) com a lição de casa ou perder a paciência com frequência	32%
Deixá-los muitas horas com vídeos, tv, jogos, nas redes sociais, no celular etc, para mantê-los calmos	31%
Perceber-se como uma mãe muito exigente, rigorosa	28%
Não ter tempo para brincar, ajudá-lo(s) com a lição de casa etc	17%
Não conseguir impor limites/ conseguir dizer não	14%
Sentir-me distante do(a) meu (minha) filho(a), não sentir cumplicidade	14%
Não amamentar ou alimentá-lo(s) da forma que considera correta	10%
Nenhuma das opções me faz me sentir culpada	8%
Outro	2%

Falta de paciência e o uso da tecnologia pelas crianças

Nos anos 80, um dos grandes debates na educação dos filhos girava em torno do impacto das babás eletrônicas. Quanto tempo podíamos deixar os filhos diante da TV, dos vídeos e dos players de games? Que prejuízo estes aparelhos e seus conteúdos causavam no desenvolvimento sadio das crianças? Antes de termos respostas definitivas, fomos atropelados por uma nova onda de mudança tecnológica. Agora, não são apenas os aparelhos com seus conteúdos estáticos que fascinam e acalmam as crianças, mas também a multiplicação das mídias (youtube, seriados on demand, blogueiros) e a conversa irrestrita das redes sociais. Mais de 30% das mães entrevistadas se sentem culpadas por deixar os filhos muitas horas diante dos devices eletrônicos conectados à internet. As babás, que viraram uma rede de amigos eletrônicos, continua sendo fonte de aflição e de solução para o entretenimento dos filhos.

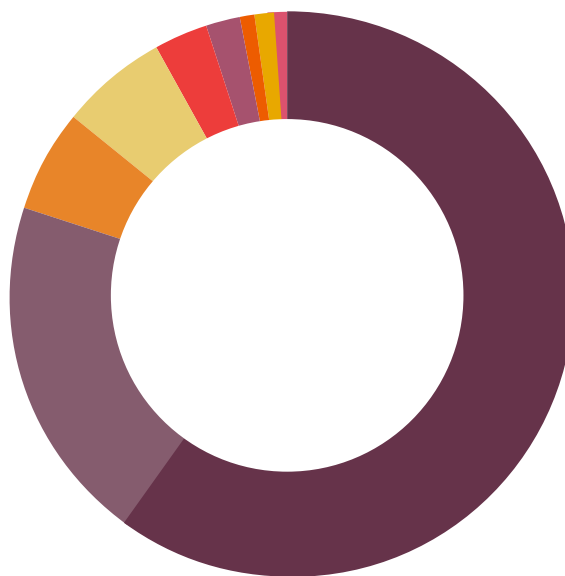
O estudo retrata um momento da mãe média brasileira. Não é uma pesquisa que revela como pensam e se comportam as formadoras de opinião, as trend-setters. Por isso mesmo, o fato de 30% de mães se sentirem culpadas por deixar os filhos com os eletrônicos mostra que um grupo significativo já se preocupa com eventuais prejuízos advindos do conteúdo da internet e das redes sociais.

Quem me ajuda?

No Brasil, estima-se que existam 60 milhões de mães. Cerca de 30% delas são mães solteiras e um outro tanto, separadas. Na pesquisa “A nova mãe brasileira”, pediu-se às entrevistadas que apontassem seus melhores parceiros na criação dos filhos. 6 em cada 10 responderam que o marido ou o pai dos seus filhos são o melhor parceiro.

Em segundo lugar, aparecem as avós (suas mães), como as principais aliadas. A escola é citada por 6% das entrevistadas e as babás ou empregadas domésticas por apenas 1%. A sogra é tida como parceira por apenas 1%. Por outro lado, quando questionada sobre quem a julga/critica no papel de mãe, a sogra ganha um aumento considerável de votos: 15%.

Na sua opinião, quem é o seu melhor parceiro(a) na criação do(s) seu(s) filho(s)?



■ Meu marido/pai dos meus filhos - 60%

■ Minha mãe - 20%

■ A escola - 6%

■ Outro - 6%

■ Minha(s) irmã(s) - 3%

■ Meu pai - 2%

■ Minha sogra - 1%

■ A babá/empregada doméstica - 1%

■ Uma amiga próxima - 1%

■ Meu sogro - 0%

■ Minha(s) cunhada(s) - 0%

■ Grupos de apoio de mães (redes sociais ou presenciais) - 0%

Se eu pudesse fazer um pedido.

O que ajudaria uma mãe que se declara exausta? Ajuda para cuidar dos filhos? Não exatamente. Depois do pedido por mais condições financeiras, o mais votado das entrevistadas foi “ter paciência e energia para brincar e ajudar os filhos nas tarefas”, seguido de perto por “ter pessoas disponíveis para ajudar nos afazeres domésticos.

Surpreendentemente (ou não), poucas mulheres querem ajuda para cuidar dos filhos (apenas 12% escolheriam esse pedido ao gênio da lâmpada). O problema, parece, continua o antigo modelo brasileiro de centralizar as tarefas domésticas nas mãos das mulheres. Mesmo considerando que uma nova geração de homens está mais participativa no cuidado com os filhos, aparentemente os cuidados da casa ainda não foram distribuídos entre os membros da família.

Se você pudesse fazer um pedido em relação aos cuidados com os filhos, o que pediria?

1º	Ter melhores condições financeiras para oferecer ao(s) filho(s) o que merece (ex.: melhor escola, roupas novas, itens eletrônicos, viagens etc)	70%
2º	Ter mais paciência ou energia para brincar, ajudá-lo(s) com lição de casa etc	49%
3º	Ter pessoas disponíveis para ajudar nas tarefas domésticas	40%
4º	Ter mais tempo para brincar, ajudá-lo(s) na lição de casa etc	38%
5º	Ter pessoas com quem dividir dúvidas sobre como criar os filhos	13%
6º	Ter pessoas disponíveis para ajudar a cuidar do(s) filho(s)	12%
7º	Outro	1%

Qual a imagem que combina com a nova mãe brasileira?

35% das entrevistadas são jovens mães, de até 34 anos. Ao ser indagadas sobre a melhor imagem para representar a mãe brasileira, mais da metade escolheu a frase “a mãe que faz tudo pelos seus filhos mas também ama seu trabalho, seu parceiro e tem outros interesses na vida.” Apenas 14% escolheram a frase “a mãe que tem os filhos como prioridade” para representá-las.

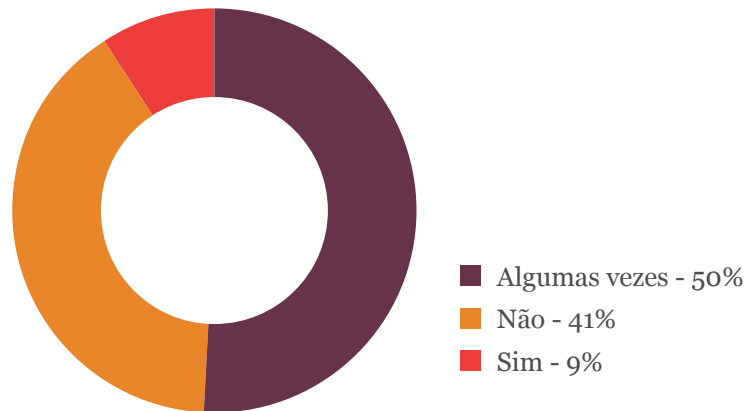
O fato de elas introduzirem outras dimensões de realização, além do cuidado dos filhos, para a mãe contemporânea, combina muito com as dificuldades que elas relatam no estudo. O tempo para os filhos é escasso, mas o tempo para a vida pessoal e o trabalho também é finito.

No mundo ideal, que imagem poderia melhor definir a “Mãe Brasileira”?

A mãe que ama seus filhos, mas também ama seu trabalho, seu parceiro e tem outros interesses na vida	51%
A mãe que tem seus filhos como prioridade	18%
A mãe que faz seu melhor e não julga as outras	16%
A mãe que luta, mas não é heroína	15%

A imagem da mãe que pode tudo e é heroína não só recebeu poucos votos das entrevistadas como também foi criticada por grande parte das mulheres. Quando a pesquisa abordou a imagem da mãe na mídia, apenas 9% das mães mais jovens disseram se sentir representadas pelo modo que os filmes, as novelas e as redes sociais as retratam. As características que as entrevistadas criticam são, principalmente, a que aparecem nas imagens da “mãe perfeita” e “mãe que parece sempre feliz”.

Você se identifica com a imagem da mãe que aparece na mídia, ou seja, na maior parte dos filmes, novelas e redes sociais?



Qual a característica que não te representa?

Mãe perfeita	46%
Mãe que está sempre feliz	30%
Mãe multitarefas	10%
Mãe guerreira que vence tudo	6%
Mãe que faria qualquer sacrifício pelos filhos	5%
Outro	2%

Julgadas e cobradas

A pesquisa comprova, com números claros, algo que as mulheres já intuía: uma das maiores fontes de angústia da mãe é o sentimento de cobrança para que ela seja melhor do que é. Enquanto menos de um terço das entrevistadas diz que não se sente cobrada ou julgada no exercício da maternidade, a maioria esmagadora (70%) diz o contrário.

E quem cobra e julga? Ao investigar de onde vem tanta crítica, a pesquisa reforça uma característica que assombra as mulheres em muitas dimensões, não só a da maternidade. Quem mais cobra performance das mulheres e das mães é ela própria.

72% se sentem cobradas por si mesmas. As mães delas e as sogras aparecem num surpreendente segundo lugar se somadas (30% declaram que as mães são as maiores críticas e 15% dão este lugar à mãe dos maridos e pais dos filhos, às sogras).

Os maridos julgadores ficam com 29% das respostas e os próprios filhos, 19%.

Outras mulheres das redes sociais são consideradas as maiores críticas do exercício da maternidade por 6% das entrevistadas. É minoria, mas é algo a pensar o fato de as mães já apontarem a rede como uma fonte de angústia no grande quadro das comparações e julgamento público.

Você se sente julgada e cobrada para ser uma mãe melhor?



- Me sinto **um pouco** julgada ou cobrada - 32%
- **Não me sinto** julgada ou cobrada - 30%
- **Me sinto** julgada e cobrada - 23%
- Me sinto **extremamente** julgada e cobrada - 15%

As confissões

É raro, numa pesquisa quantitativa, em que não se aprofunda um tema numa conversa entre pares, por exemplo, que os entrevistados façam confissões embaraçosas.

Na pesquisa “A nova mãe brasileira”, no entanto, merecem destaques várias revelações das entrevistadas quando foram convidadas a falar do lado negro da maternidade. Os principais territórios de constrangimento das mulheres em relação à criação dos filhos foram:

1. Agressividade
2. Permissividade
3. Chantagem e mentira

Boa parte das mães disseram que se sentem envergonhadas por ter dado palmadas (33%), surra (10%) ou gritado com os filhos a ponto de assustá-los (32%). Deixar que os filhos passem muitas horas com eletrônicos a fim de acalmá-los (28%), deixá-los dormir em sua cama (20%) ou servir comida industrializada (13%) foram citados como exemplos de permissividade pelas entrevistadas. No território das difíceis negociações com os filhos, chamam a atenção os 22% de mães que confessam que fizeram chantagem, os 15% que mentiram para que eles parassem de chorar ou os 15% que ameaçaram ir embora de casa ou deixá-los aos cuidados de outras pessoas. E embora 18% da mostra não tenha motivos para se envergonhar, 3% confessam que já deram remédios para acalmar seus filhos e 2% disseram que os deixaram trancados em casa.

Existe alguma coisa que você já fez com seus filhos e que se sente constrangida/envergonhada?

Dei umas palmadas	33%
Gritei a ponto de assustá-lo	32%
Deixe ele ficar assistindo TV ou vídeos na internet para poder descansar, dormir ou fazer alguma outra atividade ou algo do meu interesse	28%

Fiz chantagem (ex.: só te dou o que você quer, se você fizer o que eu quero)	22%
Ofereci comida industrializada (ex.: papinhas prontas, sanduíches etc) ao invés de refeição	21%
Deixei ele dormir na minha cama, pois não tive paciência ou energia para fazer ele dormir sozinho	20%
Não existe nada que eu tenha feito que me sinta constrangida/envergonhada de comentar com os outros	18%
Vasculhei/mexi nas coisas pessoais do meu filho (celular, diário, gavetas etc)	17%
Repreendi publicamente meu(minha) filho(a) e deixei-o(a) com vergonha	16%
Menti sobre algo para que ele parasse de chorar	15%
Já ameacei ir embora de casa e deixá-lo(a) para outros cuidarem (pai, avós etc)	15%
Dei doces, salgadinhos, refrigerantes etc, para ele se acalmar ou parar de chorar	13%
Já dei uma surra	10%
Deixei acordar à noite quando ele chorou	3%
Já dei/dou remédio para que ele se acalme (calmantes, remédios para hiperatividade etc)	3%
Deixe-o(a) trancado(a) sozinho(a) em casa	2%
Esqueci-o(a) numa loja/ na escola	2%

Outra	1%
Esqueci-o(a) no carro	0%

Amostra

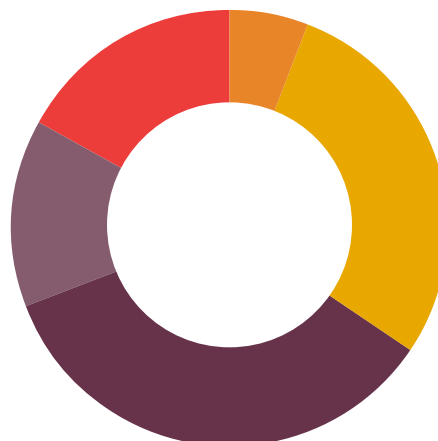
Foram realizadas **1.317** entrevistas com mulheres, **18 anos ou mais**, residentes em **todo o território nacional**.

Classe social



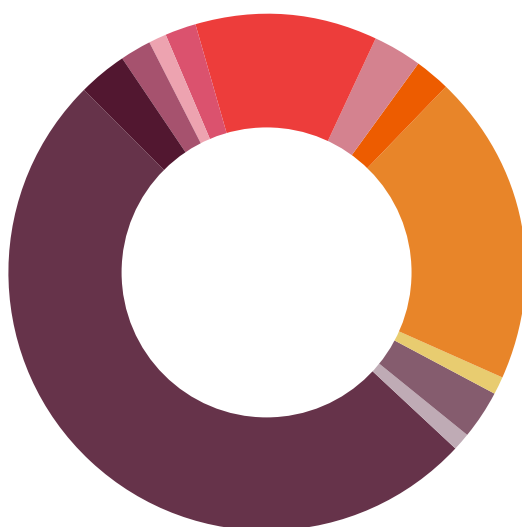
- A - 11%
- B1 - 16%
- B2 - 39%
- C1 - 22%
- C2 - 11%
- D-E - 0%

Idade



- 17 anos ou menos - 0%
- De 18 a 24 anos - 6%
- De 25 a 34 anos - 29%
- De 35 a 44 anos - 35%
- De 45 a 55 anos - 14%
- 56 anos ou mais - 17%

Estado



- Bahia - 3%
- Ceará - 2%
- Distrito Federal - 1%
- Espírito Santo - 2%
- Minas Gerais - 11%
- Paraná - 3%
- Pernambuco - 2%
- Rio de Janeiro - 19%
- Rio Grande do Norte - 1%
- Rio Grande do Sul - 3%
- Santa Catarina - 1%
- São Paulo - 49%

Metodologia:

Estudo quantitativo online, a partir de questionário de autopreenchimento, estruturado via WEB, com painelistas do **Instituto QualiBest**.

Ficha Técnica:

- **Concepção e roteiro: Brenda Fucuta**
- Diretora Responsável QualiBest: Daniela Malouf
- Gerentes Responsáveis: Katia Moreira/ Marta Capacla
- Analista Responsável: Israel Lobo
- Designer: Regiany Silva

Fale conosco

- bfucuta@gmail.com
- daniela@qualibest.com.br
- katia@qualibest.com.br
- marta@qualibest.com.br
- israel@qualibest.com.br



institutoqualibest.com.br



mulheresincríveis.org